

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: A RESISTÊNCIA E O ESPERANÇAR EM TEMPOS DE PANDEMIA

Antonio Fernando Silveira Guerra¹

Raquel Fabiane Mafra Orsi²

Eliane Renata Steuck³

Marcia Pereira da Silva⁴

Paulo Roberto Serpa⁵

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos⁶

Ananda Nocchi Rocket⁷

Resumo: O objetivo geral do presente estudo é refletir sobre os desafios e ações de EA que nos encaminham a uma nova situação de adaptação, resiliência e enfrentamento possíveis, em tempos dessa pandemia global e da continuidade da crise climática. Especificamente, pretende-se dialogar sobre as possibilidades que podem orientar os caminhos da EA nesse novo mundo e novo tempo pós-pandemia; examinar as consequências do modelo capitalista hegemônico, sobre as questões socioambientais; e apresentar percepções e observações das educadoras e educadores ambientais, autores deste trabalho, frente aos desafios de oferecer, aos estudantes, aulas e atividades *on-line* no contexto escolar de isolamento social.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Crises; Pandemia; Resistência.

¹ Universidade do Vale do Itajaí – Grupo de Pesquisa Educação, Estudos Ambientais e Sociedade - GEEAS. E-mail: afguerraea@gmail.com, Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2290780502343250>

² Secretaria de Estado do Desenvolvimento Regional - Itajaí (SC), Gerência de Educação.

E-mail: ambientalraquel@gmail.com, Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6661860972606092>

³ Secretaria Municipal de Educação Balneário Camboriú. E-mail: liasteuck@gmail.com,

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5103557531911066>

⁴ Centro Educacional Maria Montessori. E-mail: marciacoracoralina@yahoo.com.br,

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0351077596339594>

⁵ Prefeitura Municipal de Porto Belo. E-mail: pauloserparoberto@gmail.com,

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5118531827150850>

⁶ Universidade do Vale do Itajaí – Grupo de Pesquisa Educação, Estudos Ambientais e Sociedade - GEEAS. E-mail: bruna_siqueiras@hotmail.com,

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2387862154032685>

⁷ Universidade do Vale do Itajaí – Grupo de Pesquisa Educação, Estudos Ambientais e Sociedade - GEEAS E-mail: nanandar@gmail.com, Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4744843180860836>

Abstract: The objective of the present study is to reflect about the challenges and actions of EE that lead us to a new situation of possible adaptation, resilience and coping during this period of global pandemic and of the continuity of the climatic crisis. More specifically, there is an intention to dialogue about the possibilities that may guide the paths of EE in this post-pandemic new world and new period of time; to examine the consequences of the hegemonic capitalist model, related to the social-environmental issues; and to present perceptions and observations of the environmental education teachers, authors of this study, in face of the challenges to offer *online* classes and activities within the school context of social isolation.

Keywords: Environmental Education; Crisis; Pandemic; Resistance.

Introdução

A crise sanitária apresentada pela COVID-19, ou *Coronavirus disease*, colocou boa parte da humanidade como refém de um microorganismo. Os vírus ainda despertam debates e estudos pela Ciência, sobre sua classificação, principalmente em busca da resposta à questão: são “seres vivos ou não vivos”. Um vírus é formado, basicamente, por uma cápsula proteica, um capsídeo, que envolve o material genético, o DNA, o RNA ou os dois juntos; não são células; não se alimentam; não respiram; não se locomovem; não se reproduzem sozinhos; são inertes; e, com base nas definições científicas, não estão vivos⁸. Mas como assim? Se eles não são seres vivos, como estão nos atacando, privando nossos alvéolos pulmonares de oxigênio, matando humanos pelo mundo todo e colocando em pânico bilhões de pessoas, sejam as que estão confinadas em “casa”, seja aquelas que não as possuem e estão cada vez mais expostas à contaminação?

O presente artigo, produzido pelos membros do Grupo de Pesquisa Educação Estudos Ambientais e Sociedade – GEEAS atende à provocação e ao chamamento feito pelos editores da revista REVBEA aos educador@s ambientais brasileiro@s. O grupo parte das inquietações que o atual momento traz sobre o futuro pós-pandemia para o qual nos alerta Bruno Latour (2020), a preocupação com cuidado com a vida, nesta crise, as mudanças no planeta, o retorno ao consumismo e a produção insustentável do capitalismo hegemônico, a situação das relações humanas, seus modos de viver e o papel da Educação Ambiental (EA) frente a esses cenários.

Um dos principais questionamentos deste Grupo é: Como ocorre a Educação Ambiental no cotidiano das pessoas e, especialmente no espaço escolar, em tempos de pandemia e de isolamento social? Temos como objetivo geral do presente estudo refletir sobre os desafios e ações de EA que nos

⁸ Para mais informações, acesse o texto “Afinal, os vírus são ou não são seres vivos?”, de Bruno Vaiano, em 24 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/blog/supernovas/afinal-os-virus-sao-ou-nao-seres-vivos/>>. Acesso em: 15 maio 2020.

encaminham a uma nova situação de adaptação, resiliência e enfrentamento possíveis em tempos dessa pandemia global. Especificamente, pretende-se debater sobre as possibilidades que orientarão os caminhos da EA neste novo mundo e novo tempo pós-pandemia; examinar as consequências do capitalismo hegemônico e do consumismo sobre as questões socioambientais; e apresentar percepções e observações das educadoras e educadores ambientais, autores deste trabalho, no contexto escolar, frente aos desafios de oferecer, aos educandos, aulas e atividades *on-line*.

Educador@s ambientais, pesquisador@s do campo, desde o milênio passado, já vislumbravam as condições da possibilidade de realizar a utopia possível qual seja, de se alcançar um futuro comum, mais sustentável, solidário e justo, em que todos e todas os seres - sencientes ou não - conviveriam em uma Casa Comum⁹, a Terra. As estruturas e os sistemas político-econômicos já conhecidos e que demonstram sinais de saturação, não conseguem mais garantir os direitos universais básicos, como saúde, segurança e moradia. Com essa pandemia, a hegemonia do capitalismo, o consumismo exacerbado e o “*velho regime climático que temos tentado combater, até aqui em vão*” (LATOURET, 2020, p. 1) foram colocados em xeque, e as pessoas, os espaços de trabalho, as escolas e universidades precisam, rapidamente, se reinventar para garantirem sua própria existência.

Inicialmente, apresentamos uma narrativa sobre as formas de sobrevivência humana frente às consequências do capitalismo, os efeitos das crises econômica e socioambiental e, agora, das lições da crise sanitária provocada pela COVID-19. A seguir, discorreremos, especificamente, sobre a crise climática e a necessidade de ressignificação e retomada da consciência humana individual e planetária frente à pandemia. No item três, destacamos reflexões e ações sobre a Educação Ambiental em tempos de pandemia, no contexto escolar, de isolamento social de crianças e seus responsáveis. Ao final, propomos algumas reflexões e considerações.

O cenário: Uma crise dentro das crises

Na história da modernidade, está em ruínas, o sonho humano de conquista de todos os espaços e de se estabelecer como a espécie dominante. Seguíamos a interpretação equivocada, do preceito bíblico do Gênesis, de que nossa espécie poderia explorar, dominar e subjugar a natureza, utilizando-a como sua propriedade. Com a crise provocada pela COVID-19, todas as certezas que julgávamos ter estão colocadas em xeque. No entanto, o que parece ser algo negativo é, na verdade, a nossa grande oportunidade de

⁹ Conforme Santos (2018, p. 5) o termo Casa Comum, com letras iniciais maiúsculas, vem sendo adotado por pesquisadores em Educação Ambiental, como uma forma ética e respeitosa de referir-se à Terra. Também foi citada pelo Papa Francisco na Encíclica *Laudato Si: sobre o cuidado da Casa Comum* (2015): “Nunca maltratamos e ferimos a nossa Casa Comum como nos últimos dois séculos [...]. “Essas situações provocam os gemidos da irmã Terra, que se unem aos gemidos dos abandonados do mundo, com um lamento que reclama de nós outro rumo” (n.53).

reflexão e mudança no rumo do sistema econômico chamado “desenvolvimento insustentável”, que até agora, conforme Latour (2020, p. 2) “*nos diziam ser impossível de desacelerar ou redirecionar*”. Para isso, é importante que repensemos nosso modo de vida, nossas escolhas e refaçamos nossos caminhos sem ser às cegas. Toda nossa arrogância, que se traduz na certeza de sermos uma espécie superior, é agora inútil. Não podemos mais manter nossa frenética evolução centrada no capitalismo selvagem e no consumismo sem limites. De que adianta valorizar o Ter do capital financeiro, se o Ser, a **vida** é o valor capital que mais importa? Todas as pretensas ideias de posse, poder, estão ameaçadas? Acostumados com as verdades científicas e as maravilhas do “progresso” tecnológico e econômico, agora não temos mais a menor ideia do que está por vir.

Ao longo da história humana mergulhamos e sobrevivemos a múltiplas crises mundiais - políticas, religiosas, sociais, climáticas - e, ainda que num movimento lento de resistência de grupos específicos, já nos percebíamos reféns de um capitalismo devastador, que nos descortinava o crescimento das desigualdades regionais, os conflitos Norte-Sul e a ascensão, no mundo, de governos extremistas e sem ética. Mas o que fazer diante deste cenário? A primeira possibilidade de resposta buscamos no mestre Paulo Freire, (1921-1997), no seu esperar, na sua maneira de pensar a educação como ação, como seres que estamos sempre sendo (HEIDEGGER, 2015) e, porque estamos sendo, somos inacabados e é, justamente, essa fenda de vida que nos permite esperar na ação. Ao longo de sua história, nossa humanidade, representada pela evolução do *Homo sapiens*, vem buscando caminhos para enfrentar e superar o seu lado sombrio, seu ego, seus anseios de superioridade e os excessos da sua racionalidade quando assume o papel do *homo demens*¹⁰. Mergulhado nesse conflito consigo mesmo, vem sobrevivendo neste planeta, até hoje, a inúmeras pestes, aos genocídios em massa dos processos de colonização que dizimaram milhões de habitantes, nas hoje chamadas “Américas”, bem como escravizaram africanos e outros povos para realizar seus fins de posse e poder. Também sobrevivemos a nós mesmos e aos horrores de duas grandes guerras mundiais, aprendendo a conviver com a ameaça de um holocausto nuclear e, mais recentemente, as adaptações aos efeitos da crise climática.

Tanto a crise climática, quanto a sanitária da COVID-19, expuseram situações e cenários sombrios que até então estavam, ou se queria que permanecessem, na invisibilidade. Com elas, não há mais como negar a existência do que poderíamos chamar, utilizando uma alegoria de Bauman (2005, p.12), a produção de “refugo humano”, ou, de “seres humanos

¹⁰ Conforme Edgar Morin, “O homem não é somente biológico-cultural. É também uma espécie-indivíduo; o ser humano é de natureza multidimensional. Por outro lado, esse homem, que nossos manuais chamavam *homo sapiens* é, ao mesmo tempo, *homo demens*. (MORIN, 1999) Já, para Sérgio Manuel, “Há, dentro de cada um de nós, o Sapiens e o Demens, o mesmo que dizer: ora nos revelamos como pessoas de sabedoria admirável, ora manifestamos uma insensatez inesperada”. (SÉRGIO, 2011).

refugados”, ou seja, como “manadas” de *Homo sapiens* - crianças órfãs, adultos e idosos - que vagavam sem rumo pelo planeta, bem antes dessa pandemia. Esse “lixo humano” foi produzido pela sociedade de consumo que os categorizou como “refugiados” - políticos, econômicos ou ambientais. Milhões de seres humanos¹¹, sem pátria e sem direitos que, em nome de nossa segurança e proteção, já eram colocados em “isolamento social” nos “campos de concentração” do século XXI.

Eis que então a pandemia igualou esse “*refugo humano*” aos bilhões de outros seres humanos que foram colocados em isolamento forçado, independentemente de sua condição econômica e social, cor da pele, orientação sexual e de gênero ou por professar sua fé em alguma tradição espiritual. Independentemente da tradução, nas inúmeras línguas que se falam no planeta, a palavra de ordem mundial passou a ser uma só: **#FIQUE EM CASA!** (Para quem tem uma “casa”, evidentemente).

Nas últimas décadas do milênio anterior e em pleno século XXI, além das guerras localizadas e comerciais entre as superpotências do capitalismo dominante, assistíamos à ascensão do fenômeno, chamado por alguns autores, de “Antropoceno¹²”. Neste, cresce a preocupação com o agravamento da crise climática, acelerada e promovida pelo *homo demens*, inspirada pela insanidade consumista do capitalismo, em seu culto ao “deus dinheiro”. Este modo de consumo, do Ter em detrimento do Ser, tem desgastado, em muito, a relação de interdependência entre humanidade/natureza de maneira que “os tempos modernos inserem na cultura planetária pensamentos, comportamentos e atitudes que ficam ou estão internalizadas no cotidiano como padrões referenciais sobre como viver a vida” (PEREIRA, 2020). O padrão estabelecido por este modo de produção capitalista, que produz imensas desigualdades e promove injustiças sociais, está colocando sob forte ameaça, a vida, em todas as suas manifestações, de forma que, diariamente, várias espécies são extintas em prol de um “desenvolvimento” insustentável e de pretensos avanços tecnológicos em benefício das minorias que detêm o poder e se beneficiam de dividendos e lucros fáceis, à custa da exploração com espoliação, tanto do planeta, quanto de outros humanos.

Nesse cenário de crise dentro das crises, estamos frente a um paradoxo: o fato de que os conhecimentos científico e tecnológico acumulados, ao que parece, não foram capazes de nos defender de alguns agentes patogênicos. Isso desnuda o fato de que nós, *Homo sapiens*, acreditávamos

¹¹ De acordo com dados do ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados), publicado em junho de 2019, em 2018 cerca de 70 milhões de pessoas, em todo o mundo, foram forçadas a deixar seus lares, abandonando as cidades e até mesmo os países em que viviam para fugir de guerras, perseguições e outras formas de violência.

¹² O Antropoceno é uma teoria proposta por Paul Crutzen (2006) que incrimina o excesso de consumo energético como fator de grande prejuízo à Terra. Crutzen alerta que esse apresenta três períodos: a aceleração industrial; a pesada maquinaria e as estratégias do agronegócio; e as “mudanças climáticas”. (SATO, SANTOS, SÁNCHEZ, 2020, p. 8)

que os cientistas conseguiriam manter essa nova pandemia afastada ou controlada, como já o fizeram em situações anteriores também provocadas por vírus, como por exemplo, do HIV-AIDS e da SARS. O fato novo é que a quase infinita capacidade de expansão, domínio e consumo dos humanos, na era do Antropoceno, foi barrada por um vírus, que nos retirou um dos serviços ecossistêmicos¹³ básicos, fornecido gratuitamente pelo planeta, e por isso ignorado pelas bolsas de valores como uma **commodity**¹⁴: O **oxigênio** para respirarmos.

Nesse sentido, mesmo que em graus diferenciados, continentes e países têm experienciado a expansão antropocêntrica ignorando o seu custo socioambiental, com o aumento dos eventos relacionados à crise climática e aos chamados, no senso comum, de desastres “naturais” provocados pelo *homo demens*.

Esse poder sobre a vida e a criação planetária, já era previsto desde o final do século XVIII, na forma de uma sutil tecnologia de poder não disciplinar que vem se constituindo com as evidências cada vez maiores de banalização da vida. É o chamado **biopoder** – “poder de ‘fazer’ viver e de ‘deixar’ morrer¹⁵” (FOUCAULT, 1999, grifo nosso), o que este filósofo chamou de uma espécie de *biopolítica do corpo*, um saber e poder ao mesmo tempo. Essa tecnologia do biopoder foi incorporada em recentes políticas de racismo de estado, as quais, em nome da ganância do “deus dinheiro” e do capitalismo selvagem, vêm matando, silenciosa e lentamente, outros *Homo sapiens*, quando sequestram seus direitos, uma vez que, invisíveis que são, seus corpos, não mais dóceis e úteis, não consomem serviços, bens e produtos, não são, nem geram **commodities**, portanto são inúteis para esse tipo de tecnologia de poder.

É nesse cenário de hegemonia do capitalismo que se instituiu a crise sanitária da COVID-19, uma crise mundial que afeta milhares de vidas, basta observarmos os números de casos que avançam diariamente¹⁶. A pandemia, e

¹³ Os serviços ecossistêmicos de suporte passaram a ser considerados, nos sistemas mais recentes de classificação, não como uma categoria, mas como funções ecossistêmicas (processos ecológicos como produção de oxigênio atmosférico, ciclagem de nutrientes, formação e retenção de solos e ciclagem da água) que são necessárias para a produção de todos os demais serviços ecossistêmicos. Fonte: <<https://mma.gov.br/biodiversidade/economia-dos-ecossistemas-e-da-biodiversidade/servi%C3%A7os-ecossist%C3%A7oes.html#servi%C3%A7os-ecossist%C3%A7oes>>. Acesso em: 23 maio 2020.

¹⁴ **Commodities** são produtos que funcionam como matéria-prima, produzidos em escala e que podem ser estocados sem perda de qualidade, como petróleo, suco de laranja congelado, boi gordo, café, soja e ouro. Commodity vem do inglês e originalmente tem significado de mercadoria. Disponível em: Google 20 de jun. de 2016, acesso em 07 maio 2020.

¹⁵ Trecho de “A criação do biopoder”, traduzido de “As palavras e as coisas”, de Michel Foucault, destacado na coluna Mais, do Jornal Folha de São Paulo de 27 de junho de 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs27069905.htm>. Acesso em: 30 abril 2020.

¹⁶ No momento em que redigimos esse artigo, até 28 de julho de 2020 foram 15.754.136 casos confirmados de infectados por COVID-19 no mundo, resultando 637.749 mortes, e no Brasil, eram 2.483.191 casos confirmados e 88.539 mortes. Fonte: <<https://www.otempo.com.br/coronavirus>>. Acesso em 30 julho. 2020.

toda dor e sofrimento que acompanham as famílias dos que perdemos para o vírus, nos colocam diante de reflexões importantes sobre a vida, sobre as escolhas, sobre o modo de Ser-Estar (HEIDEGGER, 2011) no mundo e nos compele a assumirmos um profundo compromisso de solidariedade e cuidado (BOFF, 2011). Somos convidados a repensar nossa relação com o todo do qual somos parte. Aqui cabe a pergunta: o que podemos esperar para depois da pandemia? Esta é, por certo, uma questão complexa para qual não há uma resposta pronta e definitiva, mas que vai se revelando a cada novo dia, na medida do vivido, do experienciado.

A reflexão que podemos fazer, nesse cenário de crises, é de que não será possível retornarmos ao modelo hegemônico do consumismo exacerbado considerado “normal”, após esta experiência e as lições provocadas pela pandemia. Esperançamos superar este período com aprendizagens que nos fortaleçam, que nos impulsionem a crescermos em cuidado, em empatia e solidariedade, principalmente com a capacidade de perceber o outro e sua presença. Nesse sentido, concordamos com Boaventura Santos (2020) quando ele afirma:

A pandemia do Coronavirus é uma manifestação entre muitas do modelo de sociedade que se começou a impor globalmente a partir do século XVII e que está hoje a chegar à sua etapa final. É este o modelo que está hoje a conduzir a humanidade a uma situação de catástrofe ecológica. Ora, uma das características essenciais deste modelo é a exploração sem limites dos recursos naturais. Essa exploração está a violar de maneira fatal o lugar da humanidade no planeta. (SANTOS, 2020, p. 22).

A partir dessa reflexão, nos perguntamos: Que caminhos percorreremos para retomar a antiga ideia da consciência planetária, da inter-relação das múltiplas formas de vida que coabitam e compartilham, conosco, a permanência na Casa Comum, a Terra? Como Sauvè (1999, 2005), acreditamos que nas práticas educativas é fundamental a inter-relação entre as dimensões “do ‘eu’, dos ‘outros’ com o campo da EA”, ou seja, **na** e **pela** Educação Ambiental, podemos ir tateando possibilidades de nos reconectarmos com as essencialidades da vida, porque estamos sempre em movimento e ação. Somos educadores e educadoras ambientais que, lançados ao desafio deste tempo, esperançamos na ação e na concretude da vivência com diferentes etapas de educação, e nos posicionamos como mediadores de outras tantas possibilidades de cuidados da vida e da Casa Comum.

Diante da pintura deste quadro de tantas crises, de que artefatos e saberes podemos dispor para pensarmos outros modos de habitar nossa Casa Comum? Só temos este “**oikos**” (Casa). Então precisamos manter viva a

potência de ação, em cada espaço educativo e coletivo onde sejam possíveis outras escolhas, outros espaços de diálogo e da reinvenção alegre de vida.

Afinal, o que o isolamento social e afetivo provocado pela COVID-19 pode nos legar de lições, em termos de aprendizagens e vivências? Uma das respostas possíveis pode ocorrer em pequenas manifestações de nossa interdependência, de nossa inter-relação que se manifestaram, também, no cotidiano de muitas pessoas: o tempo de voltar a admirar o nascer ou o pôr do sol, e de cultivar o silêncio e a meditação, para acalmar a mente do lixo digital a que somos expostos pelas mídias e redes sociais. Vivemos no isolamento social e afetivo; tempos de valorizar a proximidade; tempo de vivenciar ações altruístas de isolamento solidário, como a de deixar bilhetes no *hall* de entrada em condomínios e comunidades, para saber se vizinhos idosos precisam de mantimentos do supermercado ou da feira, enfim, atitudes de cuidado de si e do outro, de generosidade, amorosidade e solidariedade vivenciadas em muitos lugares, tecendo outras formas de Ser, de ver e viver a VIDA, no sentido da *comum+união* consigo mesmo, com o próximo e com o Planeta.

Educação Ambiental: Possibilidades e Limites de Ações Educativas

Nos momentos de dor, o ser humano tem a possibilidade de vivenciar os processos de adaptação e resiliência que lhe propiciam transcender o medo e a insegurança que o paralisam e lançar, para si, para o outro e para o ambiente, um olhar amoroso que o acolhe e convida a vivenciar e compartilhar novas experiências e saberes. Este é um processo educativo cujas bases assentam-se nos princípios e valores da Educação Ambiental que assumimos, uma educação transformadora que se concretiza nas possibilidades do esperar freiriano.

Nesta perspectiva, entendemos com Freire que: **“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”** (FREIRE, 2000, p. 67, grifo nosso). Por isso, a Educação não pode restringir-se somente aos problemas do chão da escola e da sala de aula. Na sua necessária dimensão ético-política, educadores e educadoras, particularmente os que militam na Educação Ambiental, assumem o compromisso histórico de provocar a reflexão-ação participativa dos seres humanos. Dessa forma, busca-se contribuir com a sociedade para a solução ou a mediação de problemas socioambientais hoje tão graves, que dizem respeito à própria sobrevivência da humanidade e do planeta como um todo, como é o caso das duas crises aqui mencionadas: a climática e a da pandemia da COVID-19.

Nesse sentido, a pedagogia crítico-libertadora de Paulo Freire pressupõe que essa tomada de consciência, tanto nas relações de ensino e de aprendizagem, quanto na práxis social, ocorre por meio de uma relação dialógico-problematizadora. Isto significa que, quando o ser humano questiona o seu “*estar no mundo*”, seu “*lugar no mundo*”, ele também questiona o porquê,

mas não sozinho, e sim entre outros sujeitos, na organização, mesmo que incipiente e tímida (FREIRE, 1984; 2006). Ao se questionarem, os sujeitos se (re)posicionam e se auto-organizam para (des)organizar o que está posto e a própria história (FREIRE, 2005a; 2005b).

Portanto, conforme o autor, “*seria na verdade uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceberem as injustiças sociais de maneira crítica*” (FREIRE, 1984, p. 89). Assim, segundo ele, enquanto na educação “*domesticadora*” ou tradicional há uma necessária dicotomia entre os que manipulam e os que são manipulados, na educação libertadora não há seres humanos que libertam e objetos que são libertados. Neste processo, não pode haver dicotomia entre seus pólos. Para o autor, enquanto “*a educação para a domesticação é um ato de transferência de conhecimento, a educação para a libertação é um ato de conhecimento e um método de ação transformadora que os seres humanos devem exercer sobre a realidade*” (FREIRE, 1984, p. 90).

Ainda, é importante destacar que a organização dialógica “*não impõe, não maneja, não domestica*”, mas age em “*co-laboração*”, em “*co-responsabilidade*” (FREIRE, 2005b, p. 192-3), como revelam as ações e a práxis de educadores e educadoras ambientais do país, nos últimos 40 anos. Podemos tomar, como base, a construção participativa e democrática de documentos históricos como o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, de 1992, produzido no Fórum das Organizações Não-governamentais e a Carta da Terra como contribuição e contraponto da sociedade civil e movimento ambientalista às decisões dos governos que participaram da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento CNUMAD – conhecida como Rio 92.

Nesse sentido, após um significativo avanço, com a conquista de Políticas Públicas que garantiram, ainda que parcos, recursos financeiros para a Agenda Ambiental no país, identificamos a marginalidade com a qual as Políticas Nacionais de Meio Ambiente e de Educação Ambiental vêm sendo tratadas e perdem espaço nas agendas governamentais. Vale dizer que tal marginalidade não tem início com o atual governo federal (2019-2022), pois nos últimos anos 15 anos, os três governantes, democraticamente eleitos no país, independentemente da matriz ideológica, não souberam priorizar a Educação, nem mesmo a Educação Ambiental. Conforme Guerra (2020, p. 50) as descontinuidades nas políticas públicas de Educação Ambiental e da Educação como um todo, ameaçam essas conquistas históricas¹⁷, e

¹⁷ É o caso das ações governamentais que extinguiram a representação social no Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental, por exemplo, o Decreto 9672/2019, que extingue o Departamento de Educação Ambiental- DEA, e o Decreto 9665/2019, em seu artigo 12, vincula a Educação Ambiental à Diretoria de Políticas da Educação Básica da Secretaria de Educação Básica-. Além disso, flexibilizou políticas já consolidadas de preservação de áreas de proteção, e limitou as ações

“inviabilizam a continuidade da Política Nacional de Educação Ambiental” e deixam órfão o projeto educativo além de, ainda segundo este autor “desprovido de seu exercício de criticidade, dialogicidade, tomadas como princípio e base da Educação Ambiental Brasileira, até então alicerçadas em marcos legais como a Política Nacional de Educação Ambiental”.

Mesmo com este cenário desolador da crise climática, das políticas públicas do campo socioambiental e, agora, da pandemia da COVID-19, no Brasil, eis que a dimensão socioambiental da Educação Ambiental, como *fênix*, ressurgiu nesse cenário de crises e com a polarização política no Brasil¹⁸. E qual é o significado? A dimensão ambiental na Educação renasce das cinzas do desmantelamento das políticas públicas neste momento? O que esperamos do Pós- Pandemia?

A Educação Ambiental pós-pandemia

Assim, como se percebe, só foi dada a devida valorização à vida, saúde, ao convívio em meio social e ao meio natural, ou seja, ao *meio ambiente ecologicamente equilibrado*¹⁹, como direitos fundamentais, quando estes direitos nos foram privado abruptamente pela crise sanitária. O Ser/estar com os outros e com a natureza, cuja intenção é justamente valorizar vidas, nos foi suprimido pelo isolamento social e afetivo. Mas, como lidar com isso, se nós somos o que somos porque pertencemos a uma espécie e a um determinado meio social? Nesse cenário de mudanças bruscas nos modos de vida e nas rotinas do cotidiano, os meios de comunicação e as tecnologias, a melhoria do acesso aos celulares e à internet, se apresentaram nesse cenário como um mecanismo possível para permitir uma maior conexão de uns com os outros, embora afastados do convívio com o meio social e natural.

Em meio a este turbilhão desenfreado de (des)informações geradas a partir da pandemia da COVID-19, surge uma mensagem de *whatsapp*, no celular, que nos permite refletir sobre, o “ubuntu”. Esse é um termo vindo da filosofia africana que, de acordo com Jimica²⁰ (2016), significaria o “*eu sou porque nós somos*”. Tal expressão nos faz refletir sobre o eu e o nós mesmos

de fiscalização de órgãos federais como o IBAMA e o ICMBio, nomeando militares e não servidores concursados para dirigir esses órgãos, como ocorria até então.

¹⁸ Consideramos que não há espaço, neste artigo, para exemplificar ações atuais de repressão, violência e genocídio, que se tornaram comuns contra ambientalistas, indígenas e povos tradicionais no país.

¹⁹ Conforme o Artigo 225 da Constituição Federal de 1988: “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida” (...).

²⁰ Jimica (2016), em sua tese, articula o cuidado de si de Foucault e o ubuntu da filosofia africana de Ngoenha. “*O ubuntu é uma filosofia da consciência, pois a expressão “eu sou porque nós somos” mostra que não há apenas um modelo de sujeito – (eu penso logo existo, de Descartes), o eu, o individualismo - mas o ‘nós’, o coletivismo, ou seja, outro sujeito. Sem o ‘nós’ (o outro), o ‘eu’ (a pessoa, o indivíduo) começa a esvaziar-se. Por essa razão, em Michel Foucault, o cuidado de si é ligado ao cuidado dos outros”.* (p.168)

Revbea, São Paulo, V. 15, Nº 4: 237-258, 2020.

enquanto seres pertencentes a uma comunidade, assim como a relação existente entre os dois fazendo-se um. O autor nos explica que:

As relações entre eu e o outro repousam sobre o sentimento partilhado pelos dois sujeitos políticos (cidadãos) em troca de ser úteis um do outro e de tirar benefícios dessa verdadeira relação social. Essa relação põe em evidência seus principais cuidados: o desejo de consideração, de respeito, não o de humilhar o outro, mas o cuidado de ajudar o outro. Isso implica praticar o cuidado na sociedade humana como forma de relação sem violência que se exprime no ubuntu: eu sou porque nós somos. (JIMICA, 2016, p.10).

“Ubuntu” não é apenas um termo ou expressão linguística, mas sim um sentimento partilhado que se torna visível para muitos humanos. E nesse período de isolamento social e afetivo, isso fica mais evidente, pois estamos preocupados com cuidados que se estendem para além de nós mesmos. Cuidar de nós e dos nossos pares é respeitar e cuidar dos outros que estão em outros lugares do mundo, e se vêem amedrontados pela pandemia. Com isso, estamos literalmente vivenciando o “local”, para além de nós mesmos, isto é, pensando o global, no sentido planetário, não o da globalização.

Essa relação de cuidado consigo e com os outros nos remete à EA na relação que une o eu, o outro e o ambiente, como nos fundamenta Sauvè (2005, p. 317, grifo nosso) “*a trama do meio ambiente é a trama da própria vida, ali onde se encontram natureza e cultura; o meio ambiente é o cadinho em que se forjam nossa identidade, nossas relações com os outros, nosso ‘ser-no-mundo’*”. A autora retrata a EA não como uma “ferramenta”, apenas para gerenciar problemas de gestão do meio ambiente, mas a enfatiza como uma dimensão essencial da Educação, que acontece por meio das relações de “*desenvolvimento pessoal e social*”. Esclarece que esse desenvolvimento se refere a três esferas de interação interligadas entre si: “*consigo mesmo (lugar de construção de identidade), com os outros (relações com outras pessoas) e o meio de vida compartilhado – Oikos, do ‘ser-no-mundo’ relacionado com o ‘mundo não humano’*” (SAUVÉ, 2005, p. 317).

E este tripé formado pelo eu, o outro e a nossa Casa Comum, representado na Figura 1, está ainda mais interligado com o sentimento de pertencimento em que vivemos. Ressignificamos princípios e valores como a solidariedade, reconfiguramos o cuidado de si, em um cuidar do outro e, nesse sentido, as nossas próprias existências. O isolamento ainda nos possibilita observar o que antes nos parecia impossível: a regeneração dos ecossistemas do planeta, uma corrente que expressa o desejo de cura e de ações que respeitem tudo que nos cerca. Assim, temos que refletir ações e práticas de EA que possibilitem esse religar e interligar, tão essenciais em nossas vidas.

Educação Ambiental
Pós
Pandemia



Figura 1: Educação Ambiental Pós Pandemia.

Fonte: Elaborada pelos autores

Nesse sentido, consideramos que o contexto criado a partir da pandemia por COVID-19 é a própria novidade. E fica o convite para estabelecermos outro modo de pensar e sentir a EA na ação de cada Comunidade, de cada espaço de aprendizagem. Esse modo conservará a relação interligada e sempre em movimento da solidariedade, do cuidado com a vida em todas as suas manifestações, no sentimento de pertença e no sentido de existência. Para tanto, é imprescindível compreender e experienciar as novas situações que se apresentam, a partir das crises geradas pelas pandemias que assolam nosso planeta, e aquelas oriundas das mudanças climáticas que podem contribuir para ressignificar a própria experiência de viver e conviver juntos nesta Casa Comum.

Narrativas de ações educativas em Educação Ambiental em pleno isolamento da pandemia

A pandemia que atravessamos neste momento histórico apresenta, com mais evidência, dilemas ambientais, éticos e educacionais, que já vivíamos mas que, agora, se revelam no vivido, no presente, na vida, e é de vida que desejamos falar. O que estamos vivendo nos faz refletir sobre o sentido de tudo: nossas escolhas, atitudes, visão de mundo e, como agir em tempos de isolamento social e afetivo. Para nós, educadores e educadoras, trata-se de um desafio que se apresenta com questionamentos como esses: Como compartilhar as vivências de Educação Ambiental, com o uso de instrumentos tecnológicos para o ensino a distância? Como suscitar em nossos educandos e em seus familiares, em situação de isolamento, essa reflexão-ação necessária para perceberem as inter-relações **eu-outro-meio ambiente**? São estas algumas das questões que passaram a fazer parte do cotidiano do planejamento das atividades educativas a serem vivenciadas.

Revbea, São Paulo, V. 15, Nº 4: 237-258, 2020.

Nos diferentes espaços em que a EA se faz, ou deveria se fazer presente, a escola é, sem dúvida, até o momento, o espaço formal mais reconhecido pela sociedade. E, neste período em que somos orientados ao afastamento social, a escola precisa se edificar em outra estrutura diferente, incerta e desconhecida, que emerge em um solo instável, cujos nutrientes são o medo e o sofrimento e, inspirados por Freire, para quem o medo não nos pode paralisar, buscamos possibilidades de movimento.

E, se na estrutura já conhecida e confortável – mesmo que alvo de críticas – eram oferecidos espaços marginais à EA, nesta nova estrutura em um mundo novo, e nada admirável, desconhecido e sem comparações para a geração deste milênio, o que sustenta a Educação Ambiental cujos princípios de solidariedade, equidade e justiça vem sendo fortemente atacados pelos retrocessos nas políticas públicas no país?

Identificamos que a estrutura que sustenta a EA é o sentido dado à existência. Embora as políticas públicas sejam de fundamental importância, é nas relações e conexões que educadores e educadoras estabelecem com a qualidade do que é ser uma Educação Ambiental, que a práxis em isolamento encontra meios de se manifestar e superar as barreiras estabelecidas.

Como manter a escola funcionando (mesmo que em ritmo de educação à distância - EaD) quando nos confrontamos com crianças e jovens sem acesso à internet, ou como atender crianças em fase de alfabetização, cujos familiares não estejam entre os grupos que podem ficar em casa e têm de se arriscar quando saem todos os dias para trabalhar? Que mundo esta criança conhece e que se reforça neste período?

É neste ainda não admirável mundo novo que educadores e educadoras precisam encontrar e viabilizar acessos para o desenvolvimento de uma EA crítica e participativa. É momento de utilizar os instrumentos possíveis, encontrar outras maneiras de dialogar, de forma criativa e sensível, que permita a conexão dos educandos e familiares com o mundo lá fora, por meio de atividades e ações de EA. As formas propostas pelos educadores são variadas, seja por meio de um texto que permita reflexão e análise do panorama e do impacto da doença e dos cuidados com a mesma; seja nas informações que orientem acerca das necessidades e padrões de consumo de produtos, bem como o cuidado com o descarte de resíduos no ambiente.

Buscamos, neste momento do artigo, relatar algumas experiências de aprendizagens vividas no contexto escolar pelas educadoras e educadores ambientais, autores deste artigo, no período da pandemia, e também lançar um olhar para o que poderá vir, a *posteriori* desta crise sanitária mundial.

Neste período de pandemia, crianças de 06 meses a 05 anos, cheias de energia e de potência para o aprendizado e para seu desenvolvimento, estão enclausuradas, trancadas em casas e apartamentos. Assim, na Educação Infantil o desafio maior que se apresenta, para familiares e professores, é como tornar possível de ser realizada, em casa, uma atividade

educativa que apresente elementos da EA e que seja lúdica a ponto de envolver as crianças, de formas a manter o processo de desenvolvimento das mesmas, compatível com as diferentes realidades de cada família em tempos de pandemia.

Com a tradição de já desenvolverem projetos e ações educacionais com foco na EA, algumas escolas de Educação Infantil de Porto Alegre (RS) têm a EA como um “norte”, ou seja, ela é a espinha dorsal para o planejamento e o desenvolvimento de seus projetos e atividades. E diante da atual realidade da pandemia e com o isolamento social, emerge uma pergunta: como dar continuidade a esse processo educativo que tem como princípio a sensibilização **no e com** o ambiente natural? Levando-se em conta que nem todas as crianças têm acesso a plantas, pátio ou sequer animais de estimação, traçaram-se dois objetivos principais para este período: manter as crianças conectadas com a escola, com os espaços normalmente utilizados nas atividades de EA; e proporcionar atividades de conexão e descobertas sobre o ambiente natural, mesmo afastado dele. Pretende-se com isso, apontar caminhos para que as escolas possam dar continuidade a processos de sensibilização ambiental, agora envolvendo as famílias, direta e cotidianamente, por meio de outro olhar para seus lares, despertando outros sentidos e percepções.

Considerando o isolamento social, no período de março a julho, inúmeras propostas foram elaboradas para manter as atividades educacionais de algumas escolas no país, mesmo que a distância. No que diz respeito à EA, uma das autoras desse artigo elaborou atividades enviadas às famílias e educandos em vídeos curtos, para que as crianças pudessem ver os rostos de seus professores e professoras, ouvir suas vozes e assim manter o vínculo com eles. São atividades que as crianças podem fazer sozinhas ou com pouca ajuda dos responsáveis, como, por exemplo, a montagem de terrários, minhocários e mini hortas, destacando-se assim o exercício para desenvolvimento da habilidade da observação participante, mas com um foco diferenciado, não mais no espaço escolar, mas através das janelas, muros, pátios, dentre outros. Para sua execução se propôs o uso de materiais facilmente encontrados em casa ou nos supermercados, assim como poemas, histórias, confecção de artefatos que lembram animais, utilizando materiais recicláveis, complementadas por vídeos com curiosidades e informações, além de sugestão de filmes, jogos ou atividades *on-line*.

Em uma atividade chamada de a árvore da vida²¹, por exemplo, as famílias deveriam escolher uma planta e decorá-la com animais de jardim confeccionados em conjunto. Outra atividade, uma das preferidas de alguns pequenos, tem sido observar os “bichinhos” que aparecem no pátio de casa.

²¹ Atividade proposta para as famílias. Envolve a elaboração de um jardim em casa, mesmo que com plantas feitas de materiais recicláveis, e deveriam escolher um elemento, ou uma planta para estar no centro do jardim e representar a vida e as conexões com todos os outros elementos que iam sendo acrescentados.

Alguns relatam que ficaram mais de 30 minutos somente olhando um caracol. Das famílias chegam também narrativas com observações sobre o uso de composteiras com minhocas, em casa, em que familiares relatam sua surpresa ao perceberem o conhecimento que as crianças demonstram sobre como cuidar das mesmas, quais alimentos as minhocas consomem, os principais cuidados e, ainda, como recolher o biofertilizante e aplicá-lo nas plantas.

Entretanto, muitos questionamentos surgem nesse processo educativo durante o isolamento social, envolvendo, tanto o direito ao acesso seguro e de qualidade ao ambiente digital, quanto o cuidado pela seleção dos conteúdos significativos, saberes, valores e atitudes relacionados à EA crítica. Também é necessária a reflexão sobre qual a receptividade das crianças aos vídeos e atividades. Se os pais e responsáveis têm conseguido entender e aplicar as atividades propostas, interagindo com as crianças? O que mais desperta o interesse dos pequenos, considerando o contexto de isolamento e as “aulas” nesse formato? Como elaborar outras atividades com o sentido de aproximar e retomar o pertencimento dos pequenos ao ambiente natural?

As conversas dos educadores ambientais, autores deste artigo, com as professoras e coordenadoras das escolas por telefone e pelo *whatsapp*, têm sido as fontes desses retornos. Na maior parte deles, os relatos informam que as crianças têm gostado dos vídeos enviados, das propostas de atividades, das histórias e poemas, e acabam ouvindo-os várias vezes.

Outra importante ação educativa foi desenvolvida por outra autora desse artigo, na *Comunidade Aprendiz, de São José*, em Santa Catarina que tem como base a Pedagogia Montessori e a Arte e incorpora, em seu projeto coletivo, a vivência da EA e de seus princípios. Destacamos aqui o documento produzido pela Comunidade durante a pandemia e socializado entre todos os participantes: “*São dias diferentes para todos, o que estamos vivendo nesse instante histórico é novo para todos nós e buscamos as melhores formas de mantermos nosso compromisso de sempre: respeito à individualidade da família que compartilha com a Comunidade Aprendiz a arte de educar, em virtude da Pandemia que atinge nossa casa comum: a Mãe-Terra; nosso calendário, assim como de todas as demais Instituições, ficou comprometido. Dessa forma, escolhemos esse guia como norte para todos*” (Guia da família Montessori em tempo de isolamento social, 2020, p. 3).

A partir da elaboração de atividades em EAD, os relatos são múltiplos e carregados de sentimentos, sensações e descobertas, mas também de conflito, insegurança, ansiedade; todas essas sensações e sentimentos evidenciam que estão convivendo numa Comunidade viva. As atividades propostas na EAD²² tiveram, como base, as relações do dia-a-dia da Comunidade (Vida prática, Educação Cósmica, sensorial, linguagem entre outras tantas). Escolhemos

²² As atividades realizadas em EAD podem ser acessadas em: www.cemariamontessori.com e também algumas partilhas de atividades, sentimentos e vivências que o Isolamento Social permitiu: <https://www.instagram.com/cemariamontessori/?hl=pt-br>

apresentar, aqui, em um mosaico de imagens (Figura 2), algumas das atividades vividas nessa pandemia.

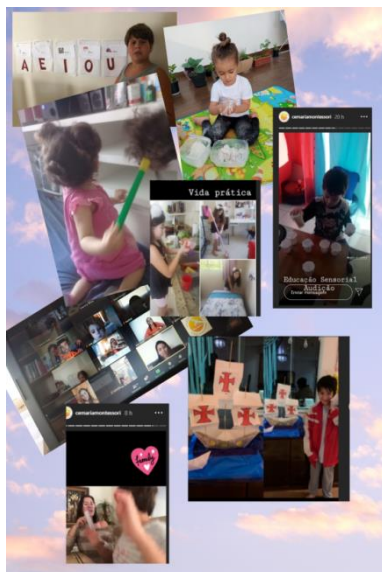


Figura 2: Narrativas das atividades de EAD durante o isolamento social.
Fonte: Acervo da Comunidade Aprendente

As atividades e partilhas, as *lives* realizadas, as dúvidas, os aprendizados e saberes compartilhados, as manifestações e opiniões mediadas pela arte, às hortas que “nasceram” em apartamentos, em casas, e até na pequena sacada, são demonstrações de que o pós-pandemia é a grande oportunidade para outra escola nascer, e para essa comunidade aprendente da escola se ressignificar. Mais leve e alegre, pois, afinal, a sala de aula - que já não existia fisicamente, porque não temos paredes, séries ou frações de aulas que nos dividissem -, também não tem fronteira, reforçando a teoria Montessoriana de que “a sala de aula é o Mundo”.

Outra ação educativa de cuidado das pessoas, da saúde e do ambiente que pode ilustrar o que é possível realizar em EA, mesmo em tempos de isolamento social e afetivo, foi a realizada pelo Coletivo Educador Ambiental, no Projeto dos Pontos Ecopedagógico em Taquara-RS. A partir da iniciativa dos próprios estudantes das escolas, foi desenvolvido um Game Educativo Ecosolidário que envolveu 31 escolas, 519 professores que mobilizaram 1480 famílias do município. Por meio dos Ecopontos foram coletadas e encaminhadas para reciclagem 3,9 toneladas de resíduos recicláveis trocadas por 1,8 toneladas de alimentos, dispostos em 71 cestas básicas com alimentos, produtos de higiene, máscaras, livros, distribuídos pelas escolas a famílias carentes²³.

²³ Os dados foram informados pela educadora ambiental Sabrina Amaral, facilitadora do Coletivo Educador Ambiental – CEATaquara. O vídeo referente à atividade está disponível em:

Revbea, São Paulo, V. 15, Nº 4: 237-258, 2020.

Com as experiências de ensino e aprendizagem aqui apresentadas, de algumas ações educativas realizadas por professores e professoras, educadores ambientais, estudantes e suas famílias, em tempos da COVID-19, materializamos o esperar freiriano na práxis que elabora novas maneiras de aprender, ser e existir. No entanto, a necessidade de refletir os espaços, tempos e possibilidades da escola como potente espaço para a efetivação da EA vem tomando corpo e forma. As diferenças, que se escancaram, especialmente na escola pública, e dizem das inúmeras fragilidades que precisam de efetiva e real atenção, vem ao encontro da necessidade de pensar o que é o “novo normal” para a Educação e, para além de um novo normal, quais rebeldias são necessárias à EA, cujos tempos têm nos mostrado a necessidade de ressignificar a si mesma, superando suas próprias grades e limitações.

Entre os desafios já conhecidos da EA, estão o acesso e a oportunidade de participação. Em tempos em que crianças, adolescentes e jovens em idade escolar não podem interagir, pessoalmente, com seus pares, nem estar em contato com o ambiente natural e realizar atividades ao ar livre, nos parece que emergente necessidade que os fundamentos teórico-metodológicos em EA já demonstravam: a re-conexão do ser humano com sua natureza interior, com os outros e com o ambiente.

Entretanto, ainda que identifiquemos caminhos possíveis, ao mesmo tempo em que reiteramos a necessidade de esperar e resistir exige, também, o permitir que algumas das fragilidades, até então normalizadas e normatizadas, do processo e sistemas educacionais, sejam trazidas à luz. As diferenças sociais, já presentes no espaço estruturado e fixo da escola, saíram das sombras em que foram colocadas por anos, com o objetivo de invisibilizarem-se, pela justificativa padrão de que as questões sociais não podem ser assumidas pela escola e que são problemas estruturais que ela não tem condições de resolver. Tais questões sociais têm se apresentado, neste período, com outras roupagens. São estudantes sem acesso à internet, familiares que questionam o suposto “não trabalho” dos professores e professoras, que entram em processos de ansiedade por não atingirem todos os alunos, mensurando pelo número de acessos à plataforma de atividades e respostas a mensagens de *whatsapp*.

Ainda sem respostas para os questionamentos levantados aqui, seguimos certos de que, por meio da reflexão e da ação, ou seja, da práxis, é possível construir o novo. Com o enfrentamento de todos esses desafios frente ao isolamento social e às aulas à distância, a Educação ganha olhares mais cuidadosos e de reverência por parte das famílias, o ambiente natural passa a ser um desejo para se estar, e a Educação Ambiental ganha importância por

<<https://www.facebook.com/101075478184549/posts/146485276976902>>. Acesso em: 04 jun 2020 .
Contato: sdsamarall@gmail.com.

destacar o nosso **ser-e-estar** no mundo e que tipo de relação temos conosco mesmos, com o outro e com o meio ambiente.

Considerações ainda incertas: Como fica nosso esperar?

Ao refletirmos sobre os desafios e as ações de EA, em tempos de pandemia da COVID-19 e de isolamento social e afetivo, trouxemos para esse artigo, algumas inquietações e percepções de como chegamos neste tempo vivido. Seja pelas escolhas de uma abordagem antropocêntrica, concretizada em um sistema econômico que oprime a maioria das pessoas, dando poder a poucas, ou pelo uso do Planeta com um objeto de extração e benefício próprio, sem considerá-lo como nossa Casa Comum de respeito e de ser vivo, nossa “Mãe Terra” que pulsa e sente apesar de todas as invasões e destruições. Nesse sentido, há a necessidade de observarmos as inúmeras possibilidades de conexões entre a pandemia, o meio ambiente e as questões socioambientais e, conseqüentemente, como essas reflexões podem nos auxiliar a repensarmos a EA pós-pandemia, de forma a nos auxiliar a entender de que maneira poderemos agir neste momento e após ele.

É importante, também, salientar a urgência de retomarmos a antiga discussão sobre a necessidade de se estabelecer, em novas bases, outra relação dos seres humanos entre si, e da sociedade com a Casa Comum que nos abriga. Uma relação não mais de dominação, mas que restabeleça o verdadeiro sentido do preceito bíblico²⁴ de respeito, cuidado e amor com a Vida, em todas as suas formas, e com a Mãe Terra.

Como bem nos lembra Bruno Latour (2020, p. 1) “(...) é agora que devemos lutar para que, uma vez terminada a crise, a retomada da economia não traga, de volta, o mesmo velho regime climático que temos tentado combater, até aqui em vão”. Ou seja, não podemos mais retroceder ao paradigma do velho mundo que acabou em 2020. Por isso, são imprescindíveis reflexões, ações e experiências que possibilitem este reencontro entre o pensar, o sentir e o agir, nesta conexão da amorosidade e do cuidado com a Vida.

²⁴ Para Boff (2008), quando se fala no livro do Gênesis sobre “subjugai a terra e dominai”, não corresponde ao despotismo, sugerido pelas palavras, e que o erro deriva do fato de que leitores colocam-se dentro da modernidade (e, portanto, fora do contexto cultural de 3.000 anos atrás, quando foi escrito o texto), supõe certa dificuldade para abordar implicações que não são meramente exegéticas (BOFF, 2008, p. 59). Dalcastagner, por sua vez, destaca que o verbo submeter, em hebraico, *Kabash*, no contexto da cultura semita tem como foco principal a terra e o seu cultivo, e o verbo dominar é tradução do hebraico *rodah*, que possui o sentido de cultivar, organizar e cuidar. Assim, não é concedida ao ser humano a posse em terrenos de senhorio em relação aos outros seres criados, pois a consideração destes verbos indica precisamente atitudes de cultivo, zelo, cuidado, próprias de um pastor que conduz suas ovelhas, protegendo-as dos iminentes perigos. O livro do Gênesis é claro quanto a isso ao afirmar que “Deus colocou o ser humano no jardim para cultivar e guardar” (A Bíblia, Gn2, 15).

É propício retomarmos, aqui, as reflexões iniciais deste artigo relembando sobre guerras e outras pandemias já enfrentadas pelo *Homo sapiens*, embora os efeitos da crise climática tenham levado à morte muito mais humanos, até agora, do que a crise sanitária da pandemia da COVID-19. Diante desse cenário aqui apresentado, entendemos que o discurso dos ambientalistas, dos anos 1970 do milênio passado, nos remete novamente, à necessidade de rediscutir o sentido do conceito de “desenvolvimento”. Não no sentido atribuído pelo capitalismo hegemônico, mas o de envolvimento entre humanos, do despertar de uma verdadeira consciência planetária, nesta nossa Casa Comum, como alternativa de sobrevivência neste já não tão admirável mundo.

Observamos, assim, a possibilidade de um aprendizado, uma dimensão pedagógica das crises: a crise climática e a sanitária da pandemia da COVID-19. Está desnudado e visível um aparente declínio de nossa civilização, pois infelizmente, em pleno isolamento social, ainda assistimos, em todo mundo, acontecimentos reveladores de que o capitalismo hegemônico ainda resiste e quer retomar seu consumismo exacerbado, pressionando para o retorno imediato dos consumidores a uma suposta “normalidade” que já não existe. Com isso vivenciamos, neste momento, no país, o acirramento das práticas e mecanismos de biopoder, por meio dos conflitos socioambientais já existentes, como a invasão de terras, os genocídios de povos tradicionais, o aumento de políticas de racismo de estado, as quais subtraem, de outros humanos, valores essenciais à vida coletiva e direitos básicos como segurança, não discriminação, condições dignas de vida, saúde, previdência e educação, os quais são explicitamente violentados, o que aumenta o medo e as incertezas, amedrontando pessoas e comunidades.

Diante desse cenário de crise nas crises, aqui apresentado, e em nome das tradições dos povos indígenas é que concordamos com Krenak (2020) em sua publicação intitulada “**O amanhã não está à venda**” quando nos adverte:

Tomara que não voltemos à **normalidade**, pois, se voltarmos, é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro. Depois disso tudo, as pessoas não vão querer disputar de novo o seu oxigênio com dezenas de colegas num espaço pequeno de trabalho. As mudanças já estão em gestação. Não faz sentido que, para trabalhar, uma mulher tenha que deixar seus filhos com outra pessoa. Não podemos voltar aquele ritmo, ligar todos os carros, todas as máquinas ao mesmo tempo. Seria como se converter ao negacionismo, aceitar que a Terra é plana e que devemos seguir nos devorando. Aí sim, teremos provado que a humanidade é uma mentira (KRENAK, 2020, p. 18, grifo nosso).

Ao concluirmos este artigo, relembramos que, em sua última obra, "Pedagogia da Autonomia", Freire (2006, p. 35) nos ensina que faz parte do pensar certo a "*disponibilidade ao risco, a aceitação do novo e a utilização de um critério para a recusa do velho*", ou seja, nos tempos em que o capitalismo e o consumismo exacerbados teimam ainda em sobreviver e alimentar a ilusão consumista e o ego do *homo demens*, e frente aos desafios impostos pelo isolamento social, é urgente a reflexão-ação necessárias de parte dos educadores e educadoras ambientais, para defender a tese de que não se constrói o novo mundo possível em cima do velho. E, por isso, e por hora, quando a dor e a incerteza ainda nos paralisam, diante da morte de milhares de pessoas pelo país e pelo mundo, convém retomar uma amorosa fala desse autor sobre a esperança do verbo **esperançar**, lembrada por Mário Cortella (2005):

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo **esperar**. e esperança do verbo esperar não é esperança, é **espera**. **esperança é se levantar, esperança é ir atrás**, esperançar é **construir**, esperançar é **não desistir!** esperançar é **levar adiante**, esperançar é juntar-se com os outros **para fazer de outro modo (....)** (FREIRE, *apud* CORTELA, 2005, grifos nossos)

E na inspiração desse esperançar, concluimos acreditando que somos fios inevitavelmente interligados nesta, que Capra (1996) intitula de a **teia da vida**, lembrando que, mesmo singulares em nossas diferenças e características, somos coletivos e coabitantes nesta Casa Comum. Para os que cultuam as tradições espirituais relembramos que sempre podemos recorrer à fé de que não estamos sós e, particularmente, há um antigo ensinamento adequado a esses tempos de pandemia, de que a vida é nosso maior bem, e de que isso também vai passar.

Referências

- ANDREOLA, B. A. Por uma pedagogia das grandes urgências planetárias. **Educação**, Santa Maria, v. 36, n. 2, p. 313-330, maio/ago. 2011.
- BAUMAN, Z. **Vidas desperdiçadas**. Tradução. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- BOFF, L. **O nascimento da ética planetária**. 2011. FAU- Laboratório virtual-ITEC - UFPA. Disponível em: <<https://fauufpa.org/2011/02/16/o-nascimento-de-uma-etica-planetaria/>>. Acesso em: 08 maio 2020.
- BOFF, L. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. 2, ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

Revbea, São Paulo, V. 15, Nº 4: 237-258, 2020.

CORTELLA, M. S. Recusar a destruição da convivência digna! (valores inadiáveis). In: PASSETTI, P. e OLIVEIRA, S. **A tolerância e o intempestivo**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, p.169- 179, 2005.

DALCASTAGNER, A. As dimensões da sustentabilidade e os valores dos jovens na sociedade de consumo. Itajaí, 2012. 119 f. **Dissertação**. (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Itajaí. Disponível em: <<https://siaiap39.univali.br/repositorio/handle/repositorio/1869>> Acesso em: 24 abr. 2020.

EGAS, B. **Coronavírus**: Qual a relação do meio ambiente com a pandemia?. 26 Março 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597464-coronavirus-qual-a-relacao-do-meio-ambiente-com-a-pandemia-artigo-de-bernardo-egas>>. Acesso em: 02 maio 2020.

FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas**. Uma arqueologia das ciências humanas. Tradução. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. R. Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006..

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005a.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005b.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GUERRA, A.F.S. Educação Ambiental no contexto da crise das políticas públicas do campo socioambiental no Brasil. In: PEREIRA, V.A.; MALTA, M.M. **Ontologia da Esperança**: a Educação Ambiental em tempos de crise. Juiz de Fora, MG, 2019, p. 41-58.

HEIDEGGER, M. **Interpretações fenomenológicas sobre Aristóteles**. Petrópolis: Vozes, 2011.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 10. ed. Coleção Pensamento Humano. São Paulo: Vozes, 2015.

KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

JIMICA, C. O cuidado de si em Foucault e a possibilidade de sua articulação com a categoria “Ubuntu” na filosofia africana de Severino Elias Ngoenha. Porto Alegre, 2016. 259 f. **Tese** (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/7208/2/TES_CAMILO_JOSE_JIMICA_COMPLETO.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2020.

LARA, Á.L. **Causalidade da pandemia, qualidade da catástrofe.** 07 Abril 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597848-causalidade-da-pandemia-qualidade-da-catastrofe-artigo-de-angel-luis-lara>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

LATOURE, B. Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise. Quais as atividades agora suspensas que você gostaria de que não fossem retomadas? Tradução Déborah Danowski. 2020. **Laboratório de sensibilidades.** Disponível em: <<https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2020/03/31/bruno-latour-imaginar-gestos-que-barrem-o-retorno-da-producao-pre-crise-quais-as-atividades-agora-suspensas-que-voce-gostaria-de-que-nao-fossem-retomadas/>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

MARZANO, M. **Reclusão em tempos de coronavírus:** “Isolar-se é um gesto de solidariedade”. 27 Março 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597530-reclusao-em-tempos-de-coronavirus-isolar-se-e-um-gesto-de-solidariedade-artigo-de-michela-marzano>>. Acesso em: 02 maio 2020

MORIN, E. Complexidade humana. *In: Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. Disponível em: <<http://www.projeto.unisinos.br/humanismo/antropos/complexidade>>. Acesso em: 27 abril 2020.

MONTESSORI, M. Disponível em: <<http://www.montessori.com>>. Acesso em: 27 abril 2020.

PEREIRA, V. A. **Existências ameaçadas:** A Educação Ambiental em tempos de COVID-19. 30 Abril 2020. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo – RS. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/598491-existencias-ameacadas-a-educacao-ambiental-em-tempos-de-covid-19-artigo-de-vilmar-alves-pereira>>. Acesso em: 01 maio 2020.

SATO, M.; SANTOS, D.M.; SÁNCHEZ, C. **Vírus:** simulacro da vida? Rio de Janeiro: GEA-SUR, UNIRIO, 2020. Cuiabá: GPEA, UFMT, 2020.

SANTOS, B. de S. **A cruel pedagogia do vírus.** Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, B. Concepções de acadêmicos sobre Educação Ambiental, ambientalização e sustentabilidade. Itajaí, SC, 2018. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Vale do Itajaí.

SAUVÉ, L. La educación ambiental entre la modernidad y la posmodernidad : En busca de un marco de referencia educativo integrador. **Tópicos**, v. 1, n. 2. p. 7-27, out. 1999.

SAUVÉ, L. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. **Revista Educação e Pesquisa.** São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, maio/ago. 2005.

SÉRGIO, M. Homo Sapiens e Homo Demens. **A página da Educação online.** n. 195, série II, inverno, 2011.

Revbea, São Paulo, V. 15, Nº 4: 237-258, 2020.